

## Redes e ecologias comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à Teoria da comunicação<sup>1</sup>

Massimo di Felice  
Eliete S. Pereira

### Em defesa de relações dialógicas e não dialéticas entre sujeitos e tecnologia

Fernanda Elouise Budag

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM  
<fernanda.budag@gmail.com>

De modo geral, vivemos tempos de ânimos exaltados em relação aos dispositivos tecnológicos digitais mais avançados, desde os já bastante acondicionados em nossa cotidianidade, até os ainda na esfera do virtualmente possível – mas ganhando satisfatória concretude imediata ou iminente. Isso porque, concordando com o que sinalizava Marshall McLuhan<sup>2</sup> nos idos de 1960, mesmo que em outros termos e enunciando de um outro contexto, facilmente nos aculturamos às novas tecnologias, que nos envolvem com emergentes modos de ser, ver e agir.

Assim, irrefletidamente, afinal, aculturados, podemos recair em esquecimentos – ou até mesmo apagamentos – do que é da ordem do “não digital”, de nossas tradições “analógicas”. Ou, ainda, o que é pior, com nosso olhar viciado, corremos o risco de não enxergar o que já havia de conexão efetiva e extensiva nas redes engendradas lá atrás em nossas culturas nativas. Essa realidade se mostra complexa e parece mesmo exigir de nós um olhar mais atento e cuidadoso a nossa herança, ao que de conectivo e comunicativo as linhas e nervuras de nossa malha cultural mais primordial e primitiva – mas não por isso menor e simples – carregam desde sempre.

Nesse sentido, Massimo di Felice e Eliete S. Pereira, com *Redes e ecologias comunicativas indígenas: as contribuições dos povos originários à Teoria da comunicação* (2017), convidam-nos precisamente a descortinar nossos mitos e rituais ancestrais da perspectiva das interações digitais. Nisso, organizam uma obra ímpar no que diz respeito à aproximação de nosso legado cultural indígena das teorias da comunicação. Tudo isso, podemos afirmar,

---

<sup>1</sup> São Paulo: Paulus, 2017. ISBN: 9788534946759

<sup>2</sup> McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1969.

com o propósito de marcar não o que há de contradição e dialética nas naturezas dos vários elementos e agentes envolvidos nessas teias, mas justamente para sublinhar o que há ali de afinidade e dialógico.

A textualidade da coletânea, distribuída em sete capítulos, inicia com Di Felice, que, partindo do dado pressuposto de que nossa tradição cultural positivista ocidental segrega opostamente humano e ambiente, defende, com fôlego a importância de uma nova perspectiva que enxergue a relação sujeito e ambiente como relação comunicativa, até mesmo para pensarmos de maneira mais complexa o território informatizado que habitamos hoje. Feliz em suas colocações, o autor coloca em relevo, portanto, a urgência de nova humanidade, não mais sujeitocêntrica.

Em seguida, Di Felice e Pereira voltam-se à questão da digitalização das culturas indígenas, observando duas situações particulares; primeiro da cultura Ikpeng e, depois, do povo Suruí. No caso dos Ikpeng, através de iniciativas de documentação e divulgação de sua memória, resultam enunciados que firmam sua identidade étnica. Por sua vez, a reconstrução cartográfica digital do território dos Suruí promove uma variação da percepção territorial tradicional; um sentido ampliado de territorialidade. Assim, em diálogo com o texto anterior, em uma interpretação em nível mais profundo, temos que tais projetos empreendidos no interior desses grupos estudados significam uma “crise do imaginário sociológico e cultural europeu moderno” (DI FELICE; PEREIRA, 2017, p. 59) de uma sociedade antropocêntrica em que natureza e técnica são meros instrumentos do homem, que seria o “agente supremo”.

Pelas redes digitais, nós temos acesso à ecologia reticular desses povos, e eles, pelas mesmas redes digitais, não como elemento externo, mas enquanto agente em simbiose com eles, expressam sua complexidade. Temos aí a emergência de novas interações ecológico-comunicativas, e é nessa linha de raciocínio que segue o texto de Massimo di Felice e Thiago Cardoso Franco, no qual os autores perseguem o desafio de identificar uma ecologia que supere a centralidade do humano. Analisando dois “exemplos extremos, que apresentam modelos ecológicos sem sujeito nem objeto” (DI FELICE; FRANCO, 2017, p. 67) – a condição anímica e sagrada da machadinha *Kàjre* entre o povo Krahô e a novo tipo de materialidade que se tem com as pedras de Marte cuja “tangibilidade” somente é acessível via tecnologias (instrumentos de identificação) –, os autores localizam processos de alterações de formas habitativas. Desse modo, a contribuição dos pesquisadores está em identificar empiricamente que a digitalização das coisas multiplica as formas e a dimensionalidade – não mais delimitada ao material.

As considerações feitas até aqui são complementadas por relato cuidadoso de Franco sobre o habitar junto aos Krahô. Partindo do conceito de habitar de Heidegger<sup>3</sup> e assumindo a metodologia de redes de redes,<sup>4</sup> o pesquisador estuda a simbiose entre os ambientes digitais

3 HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: \_\_\_\_\_. *Conferencias y Artículos*. Barcelona: Ediciones del Serbal, 29914.

4 DI FELICE, Massimo; TORRES, Julliana Cutolo; YANAZE, Leandro Key Higuchi. *Redes digitais e sustentabilidade: as interações com o meio ambiente na era da informação*. São Paulo: Anablume, 2012.

e demais formas comunicativas não digitais do habitar dos Krahô. Nesse sentido, a riqueza de sua exposição está na comprovação da competência da metodologia adotada para estudar os deslocamentos em rede, atravessando as territorialidades física e digital. A internet introduziu outras formas de conexão e, de todo esse contexto reticular, depreende-se que há uma experiência estética própria.

Acompanhando e avançando a ótica abraçada pela obra como um todo, as reflexões de Fernanda Cristina Moreira introduzem o viés comunicativo do xamanismo, enquanto modo de pensamento teórico-filosófico característico da América Latina com potencial de legitimação. Basicamente, a autora, procurando responder qual é a concepção de comunicação engendrada pelo xamanismo e o que ele tem a nos dizer sobre a ecologia das redes digitais, tem o mérito ao ser provocativa, assinalando que é mister para a comunicação pensarmos sobre as novas ecologias que se arquitetam nas relações entre humano e tecnologia, tal qual nas conexões engendradas na cosmologia xamânica.

Pereira, mais uma vez, partindo do indício de uma “comunicação nativa, complexa, relacional e reticular” (PEREIRA, 2017, p. 163), coloca-se a analisar formas artísticas indígenas, especificamente, expressões estéticas da arte Kaxinawá e, nisso, é bem-sucedido em fazer revelar a contemporaneidade de seus modos de existir e de criar em relação ao processo de digitalização em curso; pois ambas as práticas colocam em comunicação “mundos” distintos.

Por fim, a nosso ver, a obra finaliza exemplarmente com uma espécie de transcrição de conversa articulada entre o pesquisador Franco, já citado, e o professor Sérgio Augusto Domingues (antropólogo brasileiro e docente da UNESP); como uma forma de homenagem a este, falecido em julho do ano anterior. Nessa interlocução, destacamos que Domingues defende com lucidez o ponto de vista de que há, sim, uma “língua gráfica” entre os povos ameríndios. Em seu ponto de vista, suas várias escritas (pinturas corporais, trilhas etc.) consistem, efetivamente, em sistemas comunicativos.

No todo da obra, portanto, encerra-se e sobreleva-se a sofisticação dos mais variados modos de existir e formas comunicativas que se fazem presentes tanto nas conexões reticulares nativas de nossos povos originais quanto nas redes digitais globais atuais; as quais, aliás, cada vez mais possibilitam expandir o universo territorial e permitem visibilidade às culturas ameríndias. Nesse quadro, chama a atenção o cruzamento de fronteiras de agentes de naturezas distintas; que nos despertam para a necessidade de superação das diferenças e reivindicam o estabelecimento de uma relação mais harmônica, dialógica, não mais limitada ao humano como centro do regime.

Dados dos autores:

### **Massimo di Felice**

O Prof. Dr. Massimo Di Felice é graduado em sociologia pela Università degli Studi La Sapienza, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo – USP e tem pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Paris Descartes V, Sorbonne. Atualmente leciona na USP e é professor visitante na Libera Università di Lingue e Comunicazione – IULM de Milão e professor convidado na Universidade Nacional de Córdoba Argentina, Universidade de Roma III, Universidade Lusófona do Porto. Fundou o Centro de Pesquisa Internacional Atopos (ECA-USP) que estuda as redes digitais, é autor de livros e artigos publicados em diversos países entre eles: *Paisagens pós-urbanas – o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*, traduzido e publicado em vários idiomas; *Redes digitais e sustentabilidade – as interações com o meio ambiente na era das informações*, *Do público para as redes – a comunicação digital e as novas formas de participação social* e está para lançar na Itália o livro: *Net-ativismo – das ecologias comunicativas da democracia para as redes ecológicas digitais transorgânicas*.

### **Eliete S. Pereira**

Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, com realização de estágio sanduíche no exterior com Bolsa Capes na Universidade IULM de Milão. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia (PPGMus), MAE/USP, com bolsa PNPd/Capes. Possui graduação em História pela Universidade de Brasília e mestrado em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas (CEPPAC) da Universidade de Brasília (UnB). É pesquisadora do Centro de Pesquisa ATOPOS da ECA-USP e coordenadora da linha de pesquisa – Tekó: a digitalização dos saberes locais. Por este mesmo Centro de Pesquisa, compôs a equipe que desenvolveu a pesquisa Net-ativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais.

### **Fernanda Elouise Budag**

Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP). Atualmente em estágio pós-doutoral junto ao PPGCOM ESPM. Integrante dos Grupos de Pesquisa Midiato (ECA-USP) e Juvenália (ESPM). Docente e pesquisadora da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação – FAPCOM e da Universidade São Judas (USJT).